Altares de Resistência: Uma Experiência de Educação Patrimonial no Museu de Arte Sacra de São José dos Campos

Giulianna Guarnieri de Faria Pereira, João Vitor Moreira da Silva, Luana de Oliveira Albano Orientadores: Profª Dr. Ana Enedi Prince Silva, Prof Dr. Roberto Gomes Monção Junior

[1]Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, giuliannagfp2006@gmail.com, jaomoreira153@gmail.com, albluana054@gmail.com, prince@univap.br, roberto.moncao@univap.br

Resumo

O presente relato analisa a ação educativa realizada no Museu de Arte Sacra de São José dos Campos com alunos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e alunos de escolas contemplados pelo projeto, destacando seu papel como espaço de mediação cultural para a valorização da herança afro-brasileira na educação. A atividade envolveu visita guiada e atividade avaliativa que partiram do acervo sacro para estabelecer diálogos com os alunos da E.E. Olímpio Catão acerca das tradições religiosas de matriz africana, evidenciando as intersecções históricas e simbólicas entre a arte sacra e as manifestações culturais negras. Durante a ação, os estudantes puderam explorar peças do museu sob nova perspectiva, associando-as a elementos como ritmos, danças e rituais de origem afro-brasileira, rompendo com a abordagem eurocêntrica tradicionalmente adotada nesses espaços. A metodologia baseou-se em pesquisa documental do acervo, mediação ativa com educadores e produção coletiva de materiais pedagógicos, resultando em uma experiência que integrou conhecimento histórico, sensibilidade estética e consciência crítica, reafirmando a importância de ações museais comprometidas com a diversidade e com a reparação histórica no âmbito educacional.

Palavras-chave: Patrimônio. PIBID. História Regional. Educação.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

No âmbito da educação brasileira, a valorização da história e cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino público e privado configura-se não apenas como um dever pedagógico, mas como um imperativo legal e social, baseando-se na Lei nº 11.645, de 2008. Buscou-se romper com abordagens eurocêntricas tradicionalmente consolidadas na sociedade, o que exigiu metodologias que integrassem a teoria à sensibilidade histórica e ao contato direto com fontes históricas e artísticas. É nessa perspectiva que se insere o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), ao proporcionar aos graduandos e estudantes vivências formativas que transcendem os limites da sala de aula. Segundo Jesus e Silva (2013, p. 3), "O uso do museu como metodologia não pode ser desassociado do cotidiano e da vida do aluno para que se possa desmistificar a concepção errônea de que museu é um lugar onde se guarda coisas antigas e sem relação com o presente."
A Escola Estadual Olímpio Catão, situada na Praça Afonso Pena, na região central de São José dos Campos, abriga um dos grupos escolares mais antigos do município. Fundada em 1896, está historicamente vinculada à memória e ao desenvolvimento educacional da região. Ao participar da ação educativa em parceria com o PIBID e o Museu de Arte Sacra, a escola demonstra como sua tradição secular se conecta a uma prática pedagógica contemporânea e transformadora, levando seus estudantes para além do espaço tradicional da sala de aula. Essa atuação engajada reforça o papel da E.E. Olímpio Catão como um polo ativamente comprometido com a formação de leituras críticas, a valorização das raízes afro-brasileiras e a promoção da diversidade cultural na comunidade joseense.
Diante disso, apesar dos esforços contemporâneos para aproximar as instituições museológicas da realidade escolar, a sociedade ainda reproduz uma visão fortemente erudita e eurocêntrica sobre esses

espaços. Consequentemente, a ideia de que o museu guarda apenas "coisas antigas e sem relação com o presente" não decorre apenas de uma percepção distorcida do tempo, mas de um abismo social real: o público comum muitas vezes não se reconhece nas vitrines porque elas refletem o cotidiano dos dominantes. Romper com essa lógica exige descolonizar esses espaços, transformando-os em ambientes plurais onde as mais diversas classes e culturas possam enxergar suas próprias histórias sendo validadas e preservadas (Jesus; Silva, 2013, p. 03).

Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo relatar e analisar a ação de encerramento de uma sequência didática dedicada ao eixo temático “Patrimônio Cultural” e “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”, prevista na Lei nº 11.645, de 2008, realizada com estudantes da Educação Básica. Como culminância desse processo, no dia 10 de junho, promoveu-se uma aula especial e uma visita técnica ao Museu de Arte Sacra de São José dos Campos. A vivência in loco teve o intuito de apresentar o contexto histórico de fundação do edifício e o acervo ali preservado, permitindo que os alunos conectassem, de forma palpável, os conceitos previamente trabalhados em sala de aula a um importante bem cultural de sua própria cidade.

A compreensão do conceito de patrimônio cultural e histórico é uma etapa fundamental para a formação da cidadania, o fortalecimento da identidade local e a preservação da memória de uma sociedade. No âmbito da educação básica, transpor essa discussão do plano teórico para a vivência prática constitui um desafio constante, que demanda metodologias ativas e a ocupação de espaços educativos para extramuros da escola, como destaca Choay (2017):

> "A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos” (Choay, 2017, p.11)

Metodologia

O presente estudo utiliza uma abordagem qualitativa voltada para a compreensão e interpretação de práticas educativas e culturais, tendo como objeto de pesquisa a ação educativa realizada no Museu de Arte Sacra de São José dos Campos, desenvolvida com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II. A pesquisa baseou-se em trabalho de campo, realizado durante a visita guiada e as atividades, com observação participante e registro de dados. Além da observação direta, foram utilizadas fontes documentais e bibliográficas, incluindo o acervo histórico do museu e fundamentação teórica correlata, assegurando uma perspectiva antirracista e inclusiva sobre o patrimônio cultural.

Figura 1 – Museu de Arte Sacra de São José dos Campos



Fonte: Diocese de São José dos Campos (2019).

Discussão

Diante da prática proposta e vivenciada pelos alunos bolsistas do programa PIBID e alunos da Escola Estadual Professor Olympio Catão em visitas ao Museu de Arte Sacra de São José dos Campos, realizadas durante os anos de 2025 e 2026 com as turmas de 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, a presente dissertação apresenta a ação pedagógica desenvolvida. Utilizando-se de metodologias

ativas e da aula extramuros, como proposto por Freinet (1975), o trabalho dá enfoque aos eixos de conteúdo exigidos pelo programa PIBID, tais como “O ofício do Historiador”, “Educação patrimonial” e “Educação afro-brasileira e indígena”, visando, também, à formação do senso crítico, do sentimento de pertencimento e da percepção da importância da preservação dos patrimônios históricos, artísticos e culturais por parte dos alunos.

A visita ao Museu de Arte Sacra de São José dos Campos com as três turmas ocorreu durante o período matutino. Pela proximidade entre a escola e o museu, foi possível que os alunos fizessem o trajeto a pé, orientados pelos bolsistas e pelo professor responsável, o que proporcionou a oportunidade de explicar aos educandos os espaços históricos que os cercavam e sua relevância. O que trouxe a oportunidade de explicar aos educandos os espaços históricos que os cercavam e sua importância.

Ao chegar ao local, o grupo foi dividido para facilitar a mediação. Enquanto metade dos alunos ouvia a explicação sobre a história de São José dos Campos a partir do contexto da ação jesuíta e da construção de suas igrejas — incluindo a Capela Nossa Senhora Aparecida, atual Museu de Arte Sacra —, o restante do grupo, ao subir as escadas, foi apresentado à história das resistências negras da cidade por meio do estandarte e de textos da Irmandade de São Benedito, além das festividades populares tradicionais, como a congada e a folia de reis. Trata-se de tradições de resistência oriundas dos escravizados que, mesmo por meio dos sincretismos religiosos impostos pela fé católica, não deixaram que suas heranças culturais, costumes e lutas fossem esquecidos.

A Irmandade de São Benedito em São José dos Campos consolidou-se como um espaço vital para a sobrevivência e a manutenção da identidade dos afrodescendentes em um cenário marcado pela segregação e pelo sistema escravocrata. Conforme aponta a literatura: "As irmandades negras visavam, então, o agrupamento entre os irmãos na tentativa de manutenção da união e da cultura, organizando estratégias de resistência perante a presença constante e violenta da classe senhorial" (Silva, 2024, p. 17). Dessa forma, para além da fé católica, esses indivíduos estabeleciam redes de apoio mútuo que permitiam a preservação de sua ancestralidade e o fortalecimento de laços comunitários em meio às adversidades da época.

Quanto ao sincretismo religioso nas tradições do Congado e do Moçambique, este é definido por Bueno e Santos (2023, p. 231) como um “amálgama de elementos próprios do catolicismo com elementos relacionados à religiosidade afro-brasileira". Esse processo de hibridismo cultural, longe de ser pacífico, serviu como uma ferramenta estratégica de resistência, permitindo que os africanos escravizados e seus descendentes mantivessem sua cultura e ancestralidade a despeito da repressão. Consequentemente, nessas práticas, “a devoção aos santos católicos praticada por essas irmandades é ressignificada através de uma cosmologia própria e da presença de elementos rituais africanos” (Bueno; Santos, 2023, p. 231).

O conhecimento sobre a cultura afro-brasileira transmitido através da visita ao museu, além de alicerçar os eixos pedagógicos norteadores para as práticas do PIBID nos anos de 2025 e 2026, também se propôs a desenvolver a criticidade e o senso de preservação cultural por parte dos alunos. A atividade orientou o debate sobre os apagamentos históricos e a necessidade de pesquisar a memória desses povos que, por escolhas políticas, quase foram apagados da historiografia, trazendo à tona a importância da preservação do patrimônio histórico, artístico, cultural, material e imaterial.

Conclusão

O artigo em questão se propôs a relatar uma experiência de aula extramuros que, a partir da necessidade de preservação do patrimônio histórico e cultural — em especial do patrimônio regional e afro-brasileiro do município de São José dos Campos —, visou estabelecer o senso de pertencimento aos locais de memória e convívio dos estudantes da Escola Estadual Olímpio Catão. Procurou-se desenvolver o senso crítico ao explorar a história e cultura afro-brasileira, visando à busca pela memória dos grupos não hegemônicos, ou melhor, daqueles que resistiram para não se deixar vencer. Como aponta Choay (2017), o patrimônio é constituído por uma diversidade de objetos e saberes relacionados ao passado comum de uma comunidade. Dessa forma, compreender o patrimônio como elemento vivo da sociedade possibilita aos estudantes reconhecerem que os bens preservados carregam diferentes experiências e significados históricos.

A experiência de aula extramuros realizada no Museu de Arte Sacra de São José dos Campos, desenvolvida no âmbito do PIBID, reafirmou a potência pedagógica dos espaços museológicos quando

estes são ressignificados como territórios de diálogo intercultural e de construção crítica do conhecimento.

Ao articular o acervo sacro com as tradições religiosas e culturais de matriz afro-brasileira, a atividade promoveu um movimento de descolonização do olhar, rompendo com a abordagem eurocêntrica que historicamente silenciou ou marginalizou as heranças negras nos circuitos oficiais de memória. A visita guiada e as atividades mediadas não apenas exploraram a transmissão de informações históricas, como também provocaram nos estudantes um encontro sensível e reflexivo com o patrimônio local, estimulando o reconhecimento de si mesmos como sujeitos históricos e herdeiros de uma diversidade cultural frequentemente apagada. A possibilidade de conectar elementos do acervo, como as imagens sacras e os estandartes da Irmandade de São Benedito, às manifestações populares do Congado, Moçambique e Folia de Reis evidenciou que o patrimônio cultural não é monolítico nem estático, mas tecido por hibridismos, tensões e resistências que atravessam séculos e seguem vivas na memória coletiva.

Ademais, a metodologia adotada, que combinou pesquisa documental, observação participante e produção coletiva de materiais pedagógicos, demonstrou que a educação patrimonial, quando orientada por uma perspectiva antirracista e inclusiva, contribui não apenas para a formação de conhecimentos históricos, mas também para o fortalecimento da cidadania e do senso de pertencimento. Ao caminhar pelas ruas do centro histórico e adentrar o museu, os estudantes puderam vivenciar a história enquanto uma narrativa viva, que habita os espaços que eles próprios frequentam e que pode ser contada a partir de múltiplas vozes.

Por fim, esta ação reafirma a necessidade de políticas educacionais e museais que garantam a preservação e a difusão do patrimônio afro-brasileiro, bem como a necessidade de formação continuada de professores e mediadores culturais para atuarem nesses espaços com sensibilidade histórica e compromisso ético-político.

Assim, o Museu de Arte Sacra de São José dos Campos pode ser compreendido não apenas como um local de preservação de bens materiais, mas como um espaço de diálogo entre passado e presente, capaz de contribuir para que os estudantes reconheçam as múltiplas histórias que constituem o lugar onde vivem. A experiência demonstrou, portanto, que aproximar o patrimônio do cotidiano escolar pode favorecer o sentimento de pertencimento, a consciência histórica e a valorização da diversidade cultural, reafirmando o papel da educação patrimonial na formação crítica dos estudantes.

Referências

BUENO, Fábio Martins; SANTOS, Maria Siqueira. **Congadas e Moçambiques no Vale do Paraíba Paulista e Litoral Norte**. São José dos Campos, SP: CECP; FCCR, 2023. 244 p.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2017. 288 p

DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Museu de Arte Sacra de São José dos Campos**. [s.d.]. Disponível em: https://diocese-sjc.org.br/museu-de-arte-sacra-de-sao-jose-dos-campos/. Acesso em: 23 ago. 2026.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Lisboa: Estampa, 1975.

JESUS, Ana Carolina Ramos de; SILVA, Girlene Sousa. **O uso do museu como método de ensino**: uma experiência PIBID. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal: ANPUH, 2013. Paulo: EDUSP, 2013.

SILVA, Stella Camille da. **Igreja de São Benedito e a Irmandade Negra de São José dos Campos (1870-1888 e 1930-1960).** 2024. Relatório Final (Trabalho de Graduação em História) – Faculdade de Educação e Artes, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, 2024.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"** Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 16 ago. 2026.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.